

EDUCAÇÃO E TRABALHO: EM BUSCA DE UM NOVO HORIZONTE PARA A EDUCAÇÃO TÉCNICA

SELINA MARIA DAL MORO *

RESUMO

Para revestir-se de um caráter libertador, a educação técnica necessita fundamentar-se numa sólida crítica da sociedade na qual se insere. Desde o período da expropriação do trabalho escravo até o estágio atual de seu desenvolvimento, o capital promoveu a educação das "mãos", visando à formação de um recurso hábil para a realização de seus interesses. Uma proposta de educação alternativa à perspectiva neoliberal desafia as escolas e os educadores à construção de um projeto que inclua o trabalho numa visão humanizadora.

INTRODUÇÃO

A partir do período histórico da humanidade que foi marcado pela descoberta do fogo até a invenção da eletrônica, da eletrotécnica, da informática, inúmeros elementos da natureza foram se tornando matérias-primas, inúmeros instrumentos e técnicas foram adotados no processo de produção. A cada estágio de desenvolvimento, foram sendo exigidas habilidades diferenciadas e específicas para o trabalho; a ele foram atribuídos novos significados, e a preparação para ele realizou-se mediante diferentes pedagogias.

As mudanças nas condições de produção não se deram numa perspectiva linear, como se fossem gestos de "abertura" que se originam da "generosidade" dos grupos que detêm o comando das sociedades. Foram e são o resultado da disputa que

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo. Mestra em Sociologia da Educação, pela IESAE - F.G.V. Rio de Janeiro.

Texto publicado na Revista Educação para Crescer - SE RS., 1994, p. 16-19.

se trama entre as classes que formam a estrutura social. Nesse sentido, é preciso reconhecer que a classe trabalhadora, através de sua ação consciente e organizada, ou mesmo através da resistência às condições e exigências que historicamente lhe foram impostas, influenciou decisivamente, para que se operassem transformações nas condições e na qualificação do trabalho.

Neste estudo, que tem apenas objetivos didáticos, pretende-se, respigando a história, tecer algumas considerações sobre essa participação. Objetiva-se, com isto, oferecer alguns elementos que possam subsidiar, em sua ação pedagógica, os professores que atuam na área técnica. Considera-se que a preparação para este campo do saber influi, de forma significativa, no modo como a mão-de-obra qualificada se integra no mercado de trabalho.

O TRABALHO: DA SOCIEDADE PRIMITIVA À SOCIEDADE CAPITALISTA

São bastante conhecidas as características do trabalho humano dos escravos na Antiguidade Clássica ou dos servos na Idade Média. Dentro de sistemas sócio-econômicos em que a produção material visava, fundamentalmente, ao consumo, nos quais a terra é que dava a dimensão do poder das classes aristocráticas; em que se afirmava que os homens são, por natureza, desiguais, o trabalho era tido, natural e racionalmente, como estigma fatal dos menos favorecidos ou forma de castigo. O trabalho constituía-se num verdadeiro instrumento de tortura. "Escravos e animais domésticos", dizia Aristóteles, "atendem com o corpo às necessidades da vida". O trabalho, o escravo, o servo eram peças "naturais" na engrenagem da produção: eram pertences da terra. Do mesmo modo que, conforme a cosmovisão dessa época, ao redor desta o universo se movia, ao redor do "senhor" gravitavam os elementos da produção, realizando as ordens que emanavam deste centro de poder.

O processo educativo próprio desse sistema consistia, de um lado, no "treinamento" das habilidades das mãos que trabalhavam, repetindo cada vez que novas mãos eram integradas no processo e, de outro, na repressão de qualquer movimento de criatividade humana que, por ventura, ameaçasse o "deslocamento" do corpo do trabalhador do chão, da terra ou da oficina onde o "destino" o fizera nascer. O ato de educar envolvia, naturalmente, a inculcação de princípios que reprimissem as possíveis manifestações do criar, de "voar" para longe do seu "feudo" do qual, naturalmente, o trabalhador fazia parte.

Os filósofos e cientistas do Renascimento profetizaram que, através da máquina, as mãos ficariam mais livres e longe da terra. A máquina foi sempre o grande sonho do homem. Ela foi esperada como possibilidade de poupar as mãos; livrá-las dos grossos e duros calos, produzidos pelo "tripalium" (três paus)¹, para, livremente, segurar o pincel para a pintura desinteressada, ou o lápis do desenho e da poesia. A máquina da inteligência humana poderia, finalmente, reduzir a jornada de trabalho para transformar o homem escravo ou servo em cidadão culto e artista.

A máquina aportou na sociedade burguesa, inerte e imóvel; seu movimento exigia novamente as mãos, habilitadas, agora, para novas destrezas; mãos, instrumento da força de trabalho, força esta, agora, "livre para ir e vir", mercadoria especial que poderia ser comprada pelo empresário capitalista para mover sua própria máquina.

Ao acordar do sonho, o trabalhador deparou-se com uma realidade oposta às suas esperanças. Ao invés de se criarem as condições para as atividades desinteressadas da arte e da cultura, reforçaram-se as exigências para uma longa e dura jornada de trabalho.

A educação burguesa, correlacionada a essa forma de trabalho, assumiu a tarefa de aprimorar essa mercadoria "específica" para colocá-la à venda no mercado de trabalho. A educação passou a se preocupar com a formação da mão-de-obra, no sentido de torná-la mais adequada às novas funções na fábrica ou nos serviços modernos. Ao invés de se criarem condições educacionais para o cultivo da arte e da livre expressão, reforçou-se o nivelamento cultural. Ao invés do trabalho educacional que liberta, a educação transformou-se em veículo de informações básicas de ciências mecânicas. Difundiu-se o culto à disciplina, necessária ao trabalho da fábrica. Como decorrência desse atrelamento, o desencanto com a máquina tornou-se desencanto com as ciências vinculadas a essa máquina. O desencanto também atingiu a educação, enquanto orientada exclusivamente para o aprimoramento dessa mercadoria especial, ou seja, a livre força de trabalho para os mercados capitalistas.

A oposição feita pelos trabalhadores contra essas condições externou-se, sobretudo, na resistência ao cumprimento da jornada de trabalho, na depredação das máquinas e nos motins. Essas ações, que evidenciavam as revoltas de homens, mulheres e crianças explorados, pouco a pouco, foram-se homogeneizando e transformaram-se em ações organizadas nos sindicatos. Foram estes que, gradativamente, leva-

1 Instrumento de trabalho, utilizado na atividade agrícola.

ram à conquista da redução da jornada de trabalho, de melhores salários, de benefícios sociais e de outras conquistas.

A ação dos trabalhadores do século XIX fez "eco", sobretudo, na obra de intelectuais, de pedagogos e de religiosos, que se aliaram na luta com os trabalhadores e, respectivamente, produziram reflexões filosóficas e análises científicas; organizaram novas pedagogias e fundaram institutos e congregações religiosas que se orientavam no sentido de um horizonte social mais justo. A classe trabalhadora elaborou uma nova concepção de trabalho que, na essência, explicitava a atividade humana como conjunto de atividades sociais marcadas pela suspensão da divisão entre teoria e prática. Em outras palavras, saber se relacionar com a máquina significava, sobretudo, possuir conhecimentos científicos, tecnológicos e políticos.

REDEFININDO O CONCEITO DE TRABALHO

A velha camponesa andou lentamente até o microfone. As pessoas que se espremiavam na pequena sala e discutiam a questão da criação de uma escola de 2º grau no seu distrito deram-lhe passagem. A assembléia presidida pelo prefeito e pela delegada de educação silenciou para a sábia trabalhadora:

"Sou trabalhadora rural. É a primeira vez que falo num microfone para tanta gente ouvir. Estou tremendo e não sei se vou dizer alguma coisa que preste. Mas eu queria dizer que nós, aqui, não precisamos uma escola que ensine técnicas agrícolas, porque nós podemos ensinar a nossos filhos; a EMATER também ensina. Não precisamos de escola de Contabilidade, porque aqui só temos duas casas de comércio, e as duas já tem seus guardalivros. Nós precisamos de uma escola que ensine português, porque nossos filhos querem continuar como agricultores. Eles precisam, então, saber ler os contratos que se faz com o banco ou com a cooperativa, para saber o que aquelas palavras dizem, e eles têm que saber ler os jornais para saber as coisas que o governo faz com a agricultura".²

2 Depoimento de uma agricultora, realizado numa reunião comunitária convocada para debater a criação de uma escola de 2º grau no Município de Tupanci/RS, em 1984.

A camponesa velha e viúva calou-se. A assembléia silenciou. Estavam colocados, em linguagem singular, princípios norteadores para a educação técnica.

Na fala desta mulher trabalhadora havia uma consciência nova. Ela demonstrava ter claro que os resultados de seu trabalho tomavam a direção dada por vontades alheias a ela. Também demonstrava que estava ciente de que a palavra pode ser instrumento utilizado para expropriar. Para evitar isso, ela reivindicava um tipo novo de escola e de educação técnica; técnica que não se distancia das humanidades e das necessidades primordiais da vida. Mais adiante, retoma-se este tema. Para isso, porém, é preciso tecer algumas considerações sobre a realidade sócio-econômica brasileira.

TRABALHO E CAPITAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O Brasil apresenta, na atualidade, um quadro social marcado por profundas desigualdades. O "Projeto Brasil", no esforço de forjar o desenvolvimento das forças produtivas, elevou-as aos níveis mais avançados do capitalismo.

Inversamente à modernização tecnológica alastrou-se a miséria, que se tornou o "quinhão" dos que "sobram". As contradições estampam-se na geografia da cidade moderna: ricos e pobres nela convivem; estes são a maioria; aqueles, a minoria. Esta, no entanto, controla a maior parte da riqueza produzida, enquanto os pobres dividem entre si mínimos percentuais.

Os 147 milhões de habitantes, registrados pelo Censo - 1991, em divulgação corrente, colocam o Brasil na condição de 6º país em população. Desta população, mais de 73% vivem na cidade e em torno de 27%, no campo. Dos trabalhadores assalariados quase 53% ganham até dois salários mínimos. A escola é um espaço privilegiado de poucos, uma vez que apenas 15% dos adolescentes permanecem nela até os 18 anos. Não é de admirar que os índices de analfabetismo superem o patamar dos 20 pontos percentuais. Mas é no campo que a pobreza das famílias brasileiras se revela com índices mais alarmantes.

"Em 1988, 50% dos estabelecimentos possuíam apenas 25% da área apropriada, ou seja, quase 2,5 milhões de pequenos produtores se espremiavam em cerca de 8 milhões de hectares, cabendo a cada um apenas 3 hectares em média; 1% dos grandes estabelecimentos apropria-

va-se de 45% da área total, ou seja, menos de 50 mil proprietários eram donos de quase 150 milhões de hectares, sendo que cada um deles tinha, em média, quase 3.000 hectares. A pobreza rural está diretamente relacionada às condições de produção em que estão inseridos esses camponeses, estando amplamente comprovado que, com 3 hectares de terra, não se pode esperar uma acumulação de renda que lhes permita maiores investimentos. No Brasil rural, existem mais de 2 milhões de famílias na pobreza absoluta, que não recebem nem o salário mínimo e vivem em condições miseráveis". (RICHARDSON, 1983, p. 71-73).

Não se dispõe ainda da maioria dos dados do Censo de 1991. As estimativas, no entanto, apontam para o recrudescimento da pobreza, especialmente visualizada nos crescentes índices de desemprego, no trabalho informal, nos números crescentes de menores abandonados e carentes, nas doenças endêmicas, na descapitalização dos pequenos empresários e pequenos produtores rurais, etc. Enquanto isso, o capitalismo imperialista, na ânsia de acumular lucros, força as fronteiras políticas entre os países; derruba barreiras alfandegárias; concentra a riqueza, recria novos mercados; monitora, tutela, vigia, discrimina, quando não elimina.

Os dados sobre a favelização em Porto Alegre, publicados no jornal Z.H. de 24 de maio de 1991, evidenciam a expansão do processo de urbanização, que se dá à margem da grande cidade.

Crescimento da população favelada em Porto Alegre 1949/1991

Ano	1949	1951	1965	81/81	1991
Nº de vilas	12	41	56	145	245
Nº de barracos	–	13 mil	20 mil	38 mil	87 mil
		588	152	093	526
Pop. Residente	15 mil	65 mil	105 mil	171 mil	350 mil
		595	833	419	106
Pop. POA	–	749 mil	950 mil	1125 mil	1387 mil
		878	142	1901	559
% Pop. favelada		3,9	9,5	15,2	25,2

Fonte: Demhab

O quadro, sem dúvida, sugere inúmeras questões. Ao leitor caberá a iniciativa e oportunidade de realizar suas análises. Apenas se observa que este crescimento corre em linha paralela com o crescimento urbano-industrial, que elevou o país ao nível de 8ª economia do Mundo Ocidental e coloca Porto Alegre e a Região Metropolitana como privilegiada no contexto nacional.

O QUE FAZER ?

Os educadores brasileiros, frente a este quadro de miséria, sentem-se, sem dúvida, confusos. Não é de admirar que muitos cedam e recuem, demitindo-se de sua função. Não poucos daqueles, nos quais persiste uma centelha de esperança, interpretam os indicadores que apontam para as necessidades educacionais dos que estão à margem do processo, a partir de princípios que desembocam, em maior volume, no treinamento da mão-de-obra para o mercado de trabalho. Também não são poucos os que pensam que a pobreza é, essencialmente, o resultado da carência de preparo técnico, cívico e, nesse sentido, sugerem-se cursos, estágios, aperfeiçoam-se currículos no que tange à preparação técnica, dão-se palestras, etc. Tudo numa perspectiva humanitária de "ajudar".

Do ponto de vista subjetivo, não resta dúvida: qualquer atividade humana é merecedora de respeito, pois é a forma imediata encontrada para sobreviver. Do ponto de vista da integração no processo produtivo e na dinâmica social, no entanto, a diferença entre um fazer e outro é essencial.

As propostas relativas à educação e, especialmente, à educação técnica, não podem vir a reboque da exigência do imperialismo, sobretudo porque o sucateamento atual da escola, nos seus diversos níveis (veja-se o que ocorre especialmente com o ensino superior), parece indicar que o capitalismo, em seu atual estágio, necessita muito menos da escola do que em outros estágios de seu desenvolvimento, para o preparo tecnológico de que ele precisa. É preciso ter presente, no entanto, que aquilo que ele estraga, a escola tem poucas condições de recuperar, como é o caso do empobrecimento e marginalização de grandes massas, como se acabou de ver.

OS DESAFIOS

Foi nos períodos tensos vividos pela humanidade que, do interior das velhas

estruturas, surgiram alternativas para construir-se uma história diferente. Nestes momentos, as forças sociais organizam-se em novas formas; elaboram propostas norteadoras de prática sociais diferenciadas; impõem vontades políticas; agem ou reagem.

Atualmente, a humanidade vive mais um dos seus momentos críticos. A crise que se enraíza na esfera econômica espalha-se nas esferas política, cultural e social. Para fazer frente à situação crucial, o capital reorganiza-se sob a tutela dos governos neoliberais; redefine o espaço privilegiado de seus investimentos, de produção de matérias-primas e de mercado e as formas de subordinação do trabalho.

Neste contexto, as forças sociais, colocadas na base da sociedade, formadas pelo conjunto heterogêneo e diferenciado dos grupos sociais que constituem a massa de trabalhadores, lutam pela sua sobrevivência e apontam, mediante suas práticas sociais, os caminhos para se chegar a uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

No bojo do pensamento pedagógico brasileiro, insígnies pedagogos como Paulo Freire, Gaudêncio Frigotto, Miguel Arroyo, Demerval Saviani e outros fazem-se "voz" dos anseios que vêm desta base e tentam a construção de novos paradigmas educacionais. Suas propostas, comprometidas politicamente com a construção de uma nova sociedade, fundamentam-se numa concepção de homem e de trabalho alternativo à do capital. No contexto de suas propostas, a educação técnica é visualizada como construção de um conhecimento global que se apóia e exige a superação dos dualismos: particular-geral, teoria-prática, técnica-política, técnica-humanidade. Em outras palavras, na visão desses educadores, à escola cabe a formação de técnicos competentes, competência que deve dar-se na unidade diversa da técnica, da política, da ciência e da arte.

Este novo modo de visualizar o horizonte da educação técnica desafia a escola. Dentre todos os desafios e, em primeiro lugar, está o desafio que a escola, que se quer democrática, deverá enfrentar, que é o de construir uma visão de trabalho como atividade humanizadora. Isto implica negar a coisificação do trabalhador³, o caráter unicamente utilitarista da atividade humana que a reduz à condição de mercadoria específica em oferta no mercado de trabalho. Uma nova concepção de homem fundamenta esta concepção de trabalho; homem que se produz mediante o trabalho, mas se completa no trabalho, enquanto arte, estética, poesia, lazer, liberda-

3 Ver a este respeito o texto de Cláudio Almir Dalbosco: "Trabalho e Educação como Fontes de Sociedade Humana", nesta publicação.

de. Sem dúvida, percebe-se, aqui, que o técnico de novo tipo, como diz Gaudêncio Frigotto: *"não se formará na escola da fraseologia do discurso abstrato, do faz-de-conta e do profissionalismo"*. (FRIGOTTO; 1988, p.10).

Para que exista uma relação interativa e fértil entre trabalho e educação, é indispensável superar a noção de que a educação tem como finalidade única ser "alavanca" para os que estão embaixo, auxiliando-os a promoverem-se e a ascenderem. A educação, é certo, não tem um sentido em si; é educação para. Sua finalidade está fora dela. Esta finalidade não se esgota, no entanto, na habilitação e no adestramento do indivíduo, para que possa ocupar um lugar fixo e funcional na estrutura hierárquica da produção e da sociedade. Esta finalidade avança no sentido da criação de sujeitos capazes de fazerem, pensarem e criarem com autonomia, sujeitos que, de indivíduos, passem a se perceber como cidadãos participantes de comunidades, de povos, no mundo.

ABSTRACT

To be market by a liberating character technical education needs, to base itself on a social criticism about the society where it is. From the period of expropriation of slave work to the actual phase of its development, capital has promoted the education of "hands", aiming the formation of an able resource to the realization of its interests. A propose of an alternative education in a neoliberal perspective defies the school and the educators to build up a project that includes work in an humanist view.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- ARRUDA, Marcos. A articulação trabalho - educação visando uma democracia integral. In: GOMEZ, Carlos Minayo. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação de trabalhadores**. São Paulo: Cortez Editores, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Formação profissional no 2º grau: embuscando horizonte da educação politécnica**. Rio de Janeiro, Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio. FIOCRUZ, 1988.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. Pobreza rural, desenvolvimento e educação. **Educação e sociedade**. Ano V. Vol 14, (71-82), maio de 1983.